

FHDF queima NCz\$ 1 milhão

Brasília, quinta-feira, 14 de setembro de 1989 27

em remédios

Em uma desastrada mistura de lentidão burocrática com auto-suficiência da tecnocracia governamental, mais de 500 tipos de medicamentos tiveram o prazo de validade vencido e foram incinerados ontem por um grupo de 40 homens do Corpo de Bombeiros. Todo o material de laboratório, cirúrgico e odontológico repousava há cinco anos na Farmácia Central da Fundação Hospitalar do DF e os remédios velhos, ao invés de colaborar na cura de doenças, foram consumidos pelo fogo no aterro sanitário da Via Estrutural.

A operação foi coordenada pelo capitão Porto, do Subgrupamento dos Bombeiros do Setor de Indústria. Dois caminhões transportaram os medicamentos para o aterro e os bombeiros usaram gasolina para incinerar os remédios, o que durou mais de uma hora. O capitão acredita que hoje todos os medicamentos sem condições de uso já estejam queimados. A parte mais difícil do trabalho é carregar os caminhões, já que os remédios estavam estocados no quarto andar da Farmácia Central da FHDF.

ODOR PERIGOSO

Empilhados nos depósitos, os me-

dicamentos ocupavam a maior parte do espaço físico da Farmácia Central, além de causar sérios transtornos aos funcionários, pelo forte odor exalado pelos produtos deteriorados. Marco Antônio Ferreira, chefe do setor, revelou que as datas de vencimento dos remédios variavam entre 1979 e 1988.

Desde 1984 que a incineração deveria ter sido realizada, quando foi aberto processo solicitando autorização para queimar os remédios velhos.

Mas a burocracia fez a sua parte e adiou a operação durante todo este tempo. Marco Antônio está trabalhando na Farmácia Central há dois meses, convidado pelo secretário de Saúde, Milton Menezes, para afastar-se da chefia da farmácia do Hospital de Base.

Uma de suas principais atribuições era justamente acelerar o processo de reorganização da Farmácia Central.

Só uma pequena parte dos remédios incinerados foi comprada pela Fundação Hospitalar — a maior parte veio de doações da Central de Medicamentos (Ceme), o que não impede que tenha sido dinheiro público o queimado ontem no aterro sanitário.

Inépcia leva soro ao desperdício

Lerdo e inoperante no planejamento, estocagem e distribuição de medicamentos, o poder público apresenta-se com agilidade incomum na tarefa de inutilizar produtos que perderam a validade, após encerrado o processo de fiscalização sanitária. Esse trabalho acelerado vem sendo executado há três dias no depósito da Farmácia Central da FHDF, situado no Trecho 4 do Setor de Indústrias (SIA), onde funcionários utilizam o pátio externo para varar 16 recipientes de um litro, estão sendo vazadas — os invólucros serão adquiridos por empresa de material plástico.

Outros 1 mil frascos de cloreto de sódio, solução de glicose (5,10 e 50 por cento) e solução injetável de manitol aguardam nova determinação dos dirigentes da Secretaria de Saúde para engordar a relação de medicamentos inutilizados. Os produtos haviam sido adquiridos pela Fundação às empresas Endomed, Instituto de Hypodermia e Farmácia, Halex-Istar e Clicolabor, com prazo de validade de 12 a 24 meses — alguns frascos chegaram a completar 10 anos nas prateleiras do depósito.

O secretário de Saúde, Milton Menezes, disse ontem não poder fazer nenhuma apreciação sobre o caso, devido à necessidade de coletar dados para se pronunciar com exatidão. A assessoria de comunicação do órgão está providenciando notas fiscais de aquisição do material e estudos referentes à necessidade de medicamentos à época para estabelecer a culpa pelo levantamento.